

Fernao de Oliveira

Gramática da Linguagem  
Portuguesa

# Curriculum

- Fernão de Oliveira terá nascido em Aveiro em 1507.
- Em 1520, iniciou os estudos no Convento Dominicano de Évora, onde foi discípulo de André de Resende, tendo mais tarde abandonado o convento e rumado para Espanha.
- Em 1536 estava em Lisboa, altura em que saiu dos prelo (publica-se) a *Gramática da Linguagem Portuguesa*.
- Por volta de 1540 ou 1541 regressou novamente a Espanha, e mais tarde partiu para Itália e Inglaterra. Enquanto esteve ausente de Portugal, a sua vida foi atribulada, cheia de aventuras e missões secretas de carácter religioso. Em Itália fez diplomacia secreta, talvez ao serviço de D. João III, na complexa questão que este rei manteve com a Santa Sé, a propósito dos cristãos-novos. Em 1545 alistou-se a bordo de uma nau francesa, sob comando do barão Saint Blancard, exercendo a actividade de piloto. Pouco depois, foi aprisionado com os companheiros franceses pela frota inglesa. Na passagem por Londres, Fernão de Oliveira frequentou a Corte de Henrique VIII, onde obteve um certo reconhecimento por parte do rei.

# Fernao de Oliveira - CV

- Em 1547 voltou a Portugal, onde foi preso pela Inquisição, durante três anos, devido a opiniões pessoais de ordem religiosa, tendo saído em liberdade em 1551, por intervenção do Cardeal D. Henrique.

Mais tarde, em 1552 tomou o cargo de Capelão Real, participou na expedição organizada por D. João III em auxílio do rei de Velez, no Norte de África, onde ficou prisioneiro. No ano seguinte voltou a Lisboa.

Em 1554, D. João III nomeou-o revisor tipográfico da Universidade de Coimbra e, com o título de licenciado, ensinou na Universidade a disciplina de Retórica. As suas desventuras (desgraças, infortúnios) prosseguiram e entre 1555 a 1557 foi outra vez encarcerado. A partir deste período, o percurso da sua vida tornou-se incerto e duvidoso, sabe-se que em 1565, Fernão de Oliveira recebia uma tença (odměna, příspěvek za poskytnuté služby) de D. Sebastião. Veio a falecer cerca de 1581.

Da sua notável produção literária destaca-se, além da *Gramática da Linguagem Portuguesa*, o seu primeiro livro impresso em 1536, o Livro da Fabrica das Naos, manuscrito datado de ca. de 1580 (BN COD. 3702), existentes na Biblioteca Nacional. Escreveu ainda, entre outras obras, a *Arte da guerra do mar*, impresso em Coimbra por João Álvares, em 1555, a *Ars nautica* (ca. 1570), manuscrito da Biblioteca de Leiden, e a *Historia de Portugal*, cuja datação é posterior a 1581.

# Fernao de Oliveira

- **A gramática de Fernão de Oliveira**

- Considerada a primeira gramática, que se publicou em língua portuguesa, impressa em Lisboa, por Germão Galharde, precedendo em quatro anos a *Gramática da língua portuguesa*, de João de Barros (1540).

Segundo o autor, a sua gramática era uma "primeira anotação da língua portuguesa,, (prólogo). O objectivo primordial da publicação deste compêndio foi de perpetuar a memória da língua portuguesa.

Esta gramática foi dedicada a D. Fernando de Almada, podendo-se visualizar no frontispício o brasão de armas dos Almadás.

A obra de Oliveira é um conjunto de reflexões de carácter linguístico e cultural. É uma tentativa de propor uma norma para o português do século XVI, linguagem como uma "figura de entendimento"

- „**A linguagem e figura do entendimento: e assim e verdade õ a boca diz õnto lhe manda o coração e não outra cousa: antes não deuia a natureza criar outro mais disforme monstro do õ são aõlles qe falão o õ não tem na vontade. Porque as obras são prova do homẽ...**“(cp.I).
- Constituída por 50 capítulos, este compêndio da definição da língua portuguesa trata de formas gramaticais, da fonética, da lexicologia, abordando também alguns estudos etimológicos e da sintaxe.

A gramática de Fernão de Oliveira foi publicada num período, em que Portugal procurava afirmar a sua autonomia nacional, em relação às outras nações. Estava assim, subjacente a intenção de passar para a escrita um sistema linguístico coeso, que caracteriza uma nação e um povo.

# Impressor

Germão Galharde

- Impressor de origem francesa, o seu nome seria provavelmente **Germain Gaillard**, que foi tomando a forma aportuguesada, Germão Galharde e Galhardo. Começou a sua actividade em 1509, inicialmente esteve estabelecido em Lisboa, onde imprimiu uma das primeiras obras, o *Missale secundum Consuetudinem*. Este impressor criou uma oficina tipográfica em Coimbra, a primeira nesta cidade, no Mosteiro de Santa Cruz, onde terá executado alguns trabalhos, entre 1530 e 1531. Germão Galharde continuou a sua actividade tipográfica até 1561.

## Eugeniu Coseriu

uma das figuras mais importantes na área de filologia românica do século XX.

- Eugenio Coseriu escreve sobre Fernão de Oliveira:
- Apesar de o gramático português Fernão de Oliveira (1507-1581) ser ocasionalmente mencionado na história linguística, especificamente na da linguística românica, na realidade ele é conhecido quase exclusivamente pelos lusitanistas. E também estes restringiram-se, até agora, a acentuar a sua importância na área da fonética portuguesa ao avaliar os seus dados com objectivo de reconstruir o sistema fonológico do português na primeira metade do século XVI. Mas Oliveira não se mostra apenas como foneticista, pois, as suas ideias no domínio da lexicologia, no da morfologia e até mesmo do da linguística geral não são menos interessantes e originais que as da área da fonética.

# ***Fonética e fonologia***

- As unidades fónicas são interpretadas como letras.
- (na tradição latina – **littera** é empregado tanto para a sua representação gráfica como para a unidade fónica)
- Na concepção de Oliveira é uma unidade fónica que tem dois componentes:
- **Figura** (sinal) – representação gráfica
- **Pronúncia, força, virtude** – rep.fónica

# A letra (cap. VI)

- **A letra he figura de voz estas diuidimos em cõsoantes e vogaes. As vogaes tem em sy voz:as consoantes não se não junto cõ as vogaes, como .a. he vogal: e .b. que he cõsoantes: e nam tẽ voz ao menos tão perfeita como .a. vogal.**
- **As figuras destas letras chamão os Gregos caracteres: e os latinos Notas:nos lhe podemos chamar sinaes. Os quaes hão de ser tantos como as pronũnçiações a õ os latinos chamão elementos: e nos as podemos interpretar fundamẽtos das vozes e escritura.**



# As figuras

- Para as várias letras (especialmente para as vogais) ele descreve separadamente figura e pronunciação /voz/.
- Oito vogais:
- cinco figuras
- A        E                    O                    U                    I
- A a        E e                    Oo                    u                    i
- Oito vogais    a,e,o (pequenos) AEO  
(grandes)

# Letras - vogais

- Capítulo VIII. (oitavo)
- Na nossa língua podemos diuidir ãtes e neçessario  $\bar{o}$  diuidamos as **letras vogaes ã grãdes e peõnas como os Gregos mas nã ja todas porõe a verdade  $\bar{o}$  temos a grande e  $\alpha$  pequeno: e  $\epsilon$  grande e e pequeno:e tambẽ  $\omega$  grande e o pequeno. Mas nã temos assi diuersidade ã .i. nem .v.Temos a grãde como almada e  $\alpha$  pequeno como alemanha: temos  $\epsilon$  grande como festa e pequeno como festo: temos o grande como fermwsos e o pequeno como fermoso. E conheçendo esta verdade auemos de cõfessar  $\bar{o}$  temos oyto vogaes na nossa língua mas nã temos mais de çinco figuras: porõ nã queremos saber mays de nos  $\bar{o}$  quanto nos ensinã os latinos: aos quaes diz Plinõ que e pouco saber escoldrinhar as cousas alheas nã nos entendendo e nos mesmo.**

# Nasalidade vocálica

- As vogais nasais são unidades vocálicas simples, o til é sinal de nasalização. O til não constitui um segmento fonemático, ele é apenas um sinal de nasalização, só uma modificação da vogal, a própria nasalidade.
- Eugeniu Coseriu: É a primeira vez que as vogais são consideradas como tais na România /e talvez em geral/. Pg.38

# Fonética articulatória

- Modo de articulação:
- Fernando de Oliveira chama as letras ch, lh, nh ASPIRADAS (por causa da letra h) – deixa-se enganar pela grafia.
- Apesar de todas as insuficiências, Oliveira oferece a primeira descrição articulatória sistemática e completa do sistema de consoantes.

# Glides

- Oliveira separa
- I e J nos ditongos
- (para distinguir o i do j nos ditongos. E para j sugere Y)
- U e V
- (para distinguir u de u glide nos ditongos)

# I/U E/O

- **Duas syllabas de vogaes puras sem mestura ou antreposição de consoãte bẽ se podẽ cõtinoar: como fazia .ia. comia. Aonda  $\bar{o}$  nos pela mayor parte lhe metemos no meyo hũ .y. consoante como Mayo.seyo.saya.ayo. mas não sempre: e se isto falta  $\bar{o}$  não metemos este .y. antrellas e as mays das vezes nas partes onde alghũa destas duas vogaes ou syllabas assim continuoadas tem estas vozes ou alghũa dellas .i. ou .u. como .duas.rua.maria. e tãbẽ .o. pequeno como zamboa: e cõ tudo ainda aqui não sempre mas tãbẽ .u. .i. ou .o. se teuerẽ despoys de si outra vogal tãbẽ soa antrelles muitas vezes este .y. consoãte como marroyo, tiyo, arguyo, tiya.**

# Realizações consonânticas

- Oliveira traz uma explicação pormenorizada do sistema fonético do ponto de vista do lugar de articulação:
- Alguns exemplos:
- **A pronúncia do r singelo com a língua pegada nos dentes superiores de cima e sai o bafo tremendo na ponta da Língua. Do rr dobrado a pronúncia é a mesma que a do .r. singelo se não que este dobrado arranha mais as gengivas de cima: e o singelo não treme tanto: mas tão má vez he semelhante ao .1.**
- **A pronúncia do .x. nos lhe chamamos çis mas eu lhe chamaria antes xi por que assim o pronunciamos na escritura: pronunciasse com as queixadas apertadas no meio da boca/os dentes juntos a língua ancha dentro na boca e o espírito ferue na humidade da língua**

# Correlações funcionais no sistema consonântico

- As letras que Oliveira põe em pares
- k/g; p/b; t/d; ss/s; f/v; c(cedilha)/z; x/j
- Os fonemas que Oliveira põe em pares:
- k/g; p/b; t/d; ś/ź; f/v; x/j, f/v; š/ž
- uma oposição de quantidade entre r x rr
- Uma certa afinidade não definida entre l/r
- Eugenio Coseriu: „É também a primeira vez que uma correlação é apresentada de um modo tão completo e, ao mesmo tempo, tão claro e preciso para um sistema consonântico românico.



# Sílaba - distribuição dos fonemas na palavra e na sílaba

- Em português, em final de sílaba, só são permitidas vogais e ditongos (tanto orais como nasais) e as consoantes L, S, R, Z.
- Oliveira formula a regra de que em português somente um fonema vocálico pode terminar palavras e sílabas, excluindo as letras mudas, isto é fonemas propriamente consonánticos e naturalmente grupos consonantais.

# Sílaba e a distribuição dos fonemas

- **Sons iniciais de sílabas e palavras:** nesta posição só podem ocorrer alguns sons vocálicos, consoantes ou grupos consonantais de muta com líquida mas nenhum outro grupo consonântico, com a exceção das palavras estrangeiras somente enquanto elas forem novas no idioma e não tenham ainda sido ajustadas ao sistema português.

# Contribuição de Fernando de Oliveira a fonética-fonologia

- Eugeniu COseriu (pg.44):
- 1. as suas letras correspondem quase exactamente ao sistema fonemático português,
- 2. a sua análise de nasalidade corresponde a uma análise funcional tipo V+nasalidade
- 3. fundamenta a oposição entre
- a /  $\alpha$  e /  $\epsilon$                       o /  $\omega$
- (não condicionados pelo contexto)
- Enfoca o funcionamento do i e u em posição átona, especialmente antes de vogal: Oliveira interpreta os sons .e/o. respectivamente, apesar da sua semelhança material/fonética com i, u – que ele sugere que se escreva com e – memorea / não memória; necessareo / não necessário....

# Lexicologia

- Palavras = dicioes
- Oliveira divide as dicioes de acordo com cinco categorias:
  - 1.Nossas-alheias-comuns
  - 2.Apartadas – juntas (isto é: simples - compostas)
  - 3 Velhas – novas-usadas.
  4. Próprias – mudadas (isto é: metafóricas e nao metafóricas)
  - 5.Primeiras- tiradas (isto é: primárias e derivadas).

# Definicao de variáveis tipos de dices

- As dices nossas: sao as palavras primitivas específicas da língua
- As dices alheias: sao as palavras de empréstimo e as estrangeiras reconhecíveis como tais; estas podem tornar-se nosss.
- As dices comuns: sao palavras de diferentes línguas nas quais nao se pode reconhecer a origem.
- As dices velhas: sao os arcaísmos (mas que podem ser verificados também nos falantes mais idosos – porque as palavras velhas da língua comum sobrevivem nos falares.
- As dices novas: sao as palavras de datacao mais recente.

# Dicoes usadas/particulares

- As dicoes usadas (isto é correntes) sao as palavras que nao sao reconhecíveis nem como arcaísmos nem como palavras novas; isto é, a maioria das palavras de uma língua de qualquer época. As palavras podem ser usadas ou particulares – estas variam de acordo com as regioes e grupos sociais – cavaleiros, camponeses, cortesaos, clérigos, artesaos, comerciantes – tem as suas palavras especiais.
- „ e porẽ de todas ellas ou são geraes a todos, como Deos, pão, vinho, ceo, e terra ou sao „particulares“. E esta particularidade ou se faz ãntre officos e tratos, como os cavaleiros que tẽ hũs vocabolos, e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os religiosos outros, e os menanicos outros, e os mercadores outros, ou tãbẽ sefaz ã terras esta particularidade, porque os da Beira tem hũas falas e os d ALentejo outras e os homens da Estremadura são diferentes dos d Antre Douro e Minho, porque , assim como os tẽmpos, assim tãbe as terras crião diversas cõdicões e cõceitos“. (cp. XXXVIII).

# **Análise de compostos (a1a fase)** **(próprias/mudadas x primeiras/tiradas)**

- A primeira fase:
- Oliveira considera relevante a Existencia dos componentes como palavras autónomas –
- 1.exemplo : verbo CONTRAFAZER(palavra composta)
- Contra e Fazer sao dois componentes que podem ocorrer isoladamente.
- 2.exemplo: verbo FAZER
- FAZ – ER nao sao componentes independentes = dicao apartada(uma palavra simples)

# A 2a fase: Análise de um composto

- Na segunda fase, Oliveira rejeita o critério de independência porque este não é aplicável para todos os casos. A possibilidade de análise de um composto não implica sempre a necessidade da autonomia dos componentes: na definição dos compostos; fala de elementos que podem ter um significado autónomo, e de vocábulos que se ajuntam. Por exemplo: refazer, desfazer: re-, de- não ocorrem isolados mas ocorrem só nos compostos -



# Análise dos compostos a 3a fase

- Na terceira fase, Oliveira alcança um critério final de analisibilidade segmental da significacao lexical; isto é: a possibilidade de se atribuir significacao lexical aos segmentos de uma forma, que podem por isso ser considerados como componentes de significacao lexical da forma inteira.
- A-conselhar/a-correr/ en-carregar/es-guardar sao compostos
- Apanhar, ensinar, esperar – sao simples

- Coseriu reconhece que Oliveira é um mau etimologista, dizendo que tem ideias irrisórias sobre a origem de palavras:
- Homem – é o „meio“
- Mulher – é „molle“
- Velho – é „viu muito“
- Tempo – porque tempera as coisa
- Passaro – porque passa voando

# Morfossintaxe

- Só há referências muito breves a morfossintaxe trata muito superficialmente do nome e do verbo
- Esboço material da gramática:
- O artigo do português é considerado como uma parte autónoma do discurso.
- Os casos – são mantidos apenas reduzidos a quatro –
- nominativo, genitivo, dativo, acusativo. designados com novos nomes:
- Prepositivo, possessivo, dativo, pospositivo
- As marcas dos casos como funções oracionais são os artigos: o, do, ao, o. (do e ao são marcas de casos mas também combinações preposicionais.

# Morfossintaxe: género

- Tres tipos: masculino / femenino / indeterminado (p.ex.isto) / e comum (p.ex.maior, menor).
- Não existe o neutro

# Declinacao

- Os nomes tem declinacao: para Oliveira, declinacao e a flexao e a derivacao. Da exemplos de declinacao voluntária e de anomalias, da regularidade e da irregularidade: por exemplo: diferentes sao as formas de caso para caso: de sarno – sarnosos (nao sarnento); de sarapulhas – sarapulhento (nao sarapulhosos), de pó – empoado /nao poento), de uma mulher diz-se pescaresa (nao pescadeira).
- Oliveira confronta as regras e as realizacoes; a língua é para ele, sobretudo, um sistema de regularidades; as regras sao naturais, no sentido de que elas correspondem a natureza da língua.
- A derivacao é para Oliveira menos aritrária do que se poderia supoeer, pois, deve ser conforme a melodia da língua. Vários casos de derivacao seguem determinadas regras ou leis de formacao e pertencem,por isso oa declinacao nnatural (por exemplo: a formacao dos diminutivos em –inho e dos aumentativo sem –az o –ao, e os nomes agentis em –dor. Nestes casos seria possível admitir modelos gerais.
- Os contraexemplos sao por exemplo: sapateiro-sapataria; telheiro – telheira.
- A inexistencia de certas regras regulares ganha um novo sentido ela pode ser casual e pode corresponder a lacunas na realizacao do sistema. .

# Morfossintaxe:

- Só se pode falar de declinação de nome mas não sempre é determinável. Declinações de número há quatro: formação do plural com –s, -es, mudança de letras (al – ais), mudança de uma sílaba (ao- oes).
- Os nomes em –ao apresentam três diferentes formas de plural:
  - 1. ao – aos (grão-grãos - grãos)
  - 2. ao – oes (melão –melões - melões)
  - 3. ao – aes (cão –caes - cães).
- Verbo:
- Oliveira regista só uma voz e três conjugações - falar, fazer, ouvir

- Para Oliveira, a linguagem, sendo característica das „almas racionais“ é um fenómeno espiritual; na sua realizacao ela é, entretanto, determinada biologicamente pelas leis do corpo – daí o interesse pela fisiologia dos sons e por hábitos de realizacao como ritmo de fala.
- A linguagem em geral, ou melhor, a faculdade linguística – faculdade de falar e de entender – é considerada por Oliveira como um dom de Deus, isto é, como dada por natureza. Uma língua é obra humana:
- „Os homens fazem a língua e nao a língua os homens, e por isso, a sua configuracao depende do desenvolvimento cultural destes.







# Fernao de Oliveira - resumo

- Segundo Oliveira, a gramática é, na sua essência, descritiva, não normativa; o seu objectivo é registar o costume e não impor regras. Como tal, ela não implica nenhuma restrição à liberdade do falante mas também não pode ensinar nada novo a aqueles que já dominam a língua.
- A língua é dos que falam melhor – daqueles que se distinguem pela cultura e pela experiência de vida e que têm consciência da tradição.
- „a primeira e principal virtude da língua é ser clara e que a possam todos entender, e para ser bem entendida há de ser a mais acostuada entre os melhores dela, e os melhores da língua são os que mais leram e viram e viveram continuando mais entre primos, sábios e assentados e não amigos de muita mudança“ (pag.38)

# Fernao de Oliveira - resumo

- A mudança linguística não é considerada por Oliveira como corrupção (como o era por muitos teóricos do Renascimento). Oliveira vê a língua como algo natural, intrínseco à sua essência, a língua muda como tudo o que é humano:
- “muy poucas são as cousas que duram por todas ou muitas idades em hu estado, quanto mais as falas que sempre se conformam com os conceitos ou entendimentos, juízos e tratamentos dos homes, e esses homes entendem, julgam e tratam por diversas vias e muitas, as vezes segundo quer a necessidade e as vezes segundo pedem inclinações naturais.

# F. De Oliveira - resumo

- Oliveira – não faz um estudo apenas diacrónico mas também sincrónico – e não só se refere à língua mas acentua também, expressamente, a diversidade social do falante e da língua e menciona a existência de „línguas especiais“.
- „Cada hũ fala como quẽ é. “
- Os homens falam do que fazem, e por tanto os aldeãos não sabem as falas da corte e os çapateiros não são entendidos na arte de marear ã os lavradores d Antre Douro e Minho entendem as nova vozes que est ano vierão de Tunez com suas gorras (Cp XXXII)

# Eugeniu Coseriu

- Oliveira merece um lugar de considerável destaque na história da linguística romanica e na da linguística em geral. Ele é, depois de Nebrija, um dos gramáticos mais originais, em certo sentido o mais original, e o mais importante foneticista da Renascença na ROmanias. As suas ideias na lexicologia e naquilo que hoje se chama sociolinguística são notáveis e a sua contribuição para o tratamento funcional das línguas na linguística descritiva é a de um grande percurso.